

[VITALINA ALVES DE LIMA]

Historiadora especializada em história da Indumentária e da Moda.

E-mail: vitaunicornio6@hotmail.com

Era uma vez... A indumentária de Chapeuzinho Vermelho



[16]

Este artigo é uma *avant-première* de um livro que estou escrevendo desde 2005 sobre a indumentária dos contos de fadas. Por que escolhi Chapeuzinho para este desjejum do assunto em **dO**bra[s]? Porque foi a primeira história que minha mãe me contou. Porque foi a primeira que eu li. Porque eu tenho um interesse recorrente por essa narrativa, mas o viés psicanalítico não é de minha atribuição e centenas de estudiosos já escreveram milhões de palavras sob essa ótica. Porque acompanho freneticamente as diversas maneiras de contar este conto, em novos livros e, principalmente, em filmes. "Porque sim", como encerram algum assunto os sábios petizes.

Antes de contar um pouco dos trajes da narrativa, preciso pedir ao leitor perdão pelo meu desrespeito à técnica de citação. A má conduta justifica-se pelo respeito maior ao jeito de contar como se deve, sem interromper a narrativa por obrigações de citações, sob pena de perder a fluidez e a graça. E já vou adiantando que "quem conta um conto aumenta um ponto". Prometo não tropeçar na historiografia, mas me reservo o prazer do exagero, tão típico dos contos de fadas. E o que dizer da repetição

incansável da linguagem dessas descrições? Fundamentais para o contador. Sim, diz-se contador de histórias, um sujeito prolixo e dramático. Ossos do ofício.

Era uma vez uma coletânea de livros da Suméria, lá pelo século XVIII a.C. Ela chegou ao período medieval bastante transformada pelos povos que viveram antes e tornou-se muito popular. O livro que me interessa foi criado no século XII, *O bestiário*, com descrições curtas sobre pedras, plantas e animais antropomorfizados, com explícita intenção moralizante. É a inspiração de muitos contos de fadas. O de nossa escolha tem um lobo que pensa e fala.

Monteiro Lobato (1882-1948) chama-a de *Capinha Vermelha*. Eu fico com a maioria e chamá-la-ei de *Chapeuzinho Vermelho*.

Vou resumir o enredo com a primeira estrofe das Cantigas de *Chapeuzinho Vermelho*, do compositor brasileiro João de Barro, o Braguinha (1907-2006).

Pela estrada fora eu vou bem sozinha
Levar esses doces para a vovozinha
Ela mora longe e o caminho é deserto
E o lobo mau passeia aqui por perto
Mas à tardinha, ao sol poente
unto à mamãezinha dormirei contente.

Estão aí os personagens.

Ao contrário de *Alice no País das Maravilhas*, que nasce com um figurino fantástico criado pelo ilustrador Eric Kincaid (1931-), nossa narrativa foi recebendo ilustrações durante seu trajeto de séculos, porque ela vinha sendo contada pelas velhas camponesas desde muito. Então, terei que viajar pelo tempo, para comparar. Com um pé na Idade Média e outro na Idade Moderna.

A peça principal do vestuário do personagem-título é a chave para muitas informações. O Gato de Botas mostrava fidalguia. O Gato era nobre, só podia ser com aquelas botas. Cinderela é nobre, sabe como sair da cozinha para o baile e usar sapatinhos de cristal para dançar com o príncipe.

E nossa menina? Vermelha, a cor da capinha com capuz. Ou do chapeuzinho com capinha. E não se conta mais nada sobre sua roupa.

Cor forte o vermelho. O encarnado protege, informação esta arquetípica. Imagine então uma pobre garotinha que perambula sozinha pela floresta, que certamente não é de algum parente seu. As nobres não andavam senão em corcéis ricamente ajazados, protegidas (e assediadas) por companhias masculinas, participando de fogosas caçadas.

Nossa garota é boa moça. La Salle, que publicou em 1774 um importante guia de costumes, dita que "faz parte do decoro e do pudor cobrir todas as partes do corpo, com exceção da cabeça e das mãos". As fidalgas mostravam generosos decotes e cobriam as mãos com luvas! Nas cabeças, perucas e chapéus cada vez mais elaborados. E brincavam de mostro-escondo com as transparências dos tecidos finos. Nossa heroína não tem nada por baixo da capinha que valha a pena ser destacado. Pobre, mas não miserável.

Seguramente ela usava algum tipo de túnica na origem do conto, um traje universal também no medievo. E foi de lá que Charles Perrault (1628-1703), um burguês que foi superintendente de Luís XIV (1638-1715), recolheu nossa história. Da tradição oral, da língua falada pelas camponesas. Chamou o livro *Histórias ou contos do tempo*. Com o correr dos anos virou *Contos da velha* e finalmente *Contos de mamãe gansa*.

A reinterpretação que o contista fez obrigou-me, para alcançar as raízes da indumentária, a procurar por trabalhadores nas pinturas. Tarefa que se revelou difícil. Feitos os descontos que todo historiador prudente faz ao usar a pintura como fonte e feitas as ilações que aquele imprudente atreve-se a fazer, lembrei-me de uma *Minia-tura das riquíssimas horas do Duque de Berry*, pintada pelos irmãos Limbourg, por volta de 1416. Vi uma mulher do povo, da roça, com túnica azul, avental branco e touca. Satisfaz-me como matriz da vestimenta da mulher rural, muito além daquele delicado desenhado para delicada camponesa, de Gustave Doré (1832-1883).

Lembro-me de capuzes, mais ou menos costurados às capas masculinas por volta do século XIII.

Houve e há forte migração de peças dos gentis-homens para as mulheres. Durante décadas, por exemplo, o clero gastou muito latim em homilias contra o gosto das refinadas do final dos séculos XIII e XIV, que usavam chapéus e sapatos de inspiração masculina, não raro lindos. Aqui por gosto.

Entre as camponesas, por necessidade. Quando morria alguém, as roupas eram

avidamente redistribuídas na família. As mais humildes não deixaram de aproveitar as túnicas, as capas e os calçados dos homens, roupas de tecidos grosseiros, cortadas e costuradas pelas mães de família. Versátil a capa! Reforço minha observação com a de Georgina O'Hara, pesquisadora inglesa contemporânea, sobre o significado dela:

termo genérico para uma peça externa solta, com ou sem manga, que cobre o corpo desde os ombros até os quadris, os joelhos ou os tornozelos. Pode não ter gola, mas costuma ser feita ou com gola alta e dura ou com uma gola que cai sobre os ombros.

Acredito que Chapeuzinho usava a mais fácil de confeccionar, aquela com um capuz que podia cair como gola mole sobre os ombros.

E a mãe? E a avó? Vestuário parecido, não porque o conto descreva, mas é fato que as crianças usavam roupas em miniatura daquela dos adultos. E mais um *chemise*, ou quem sabe a versátil túnica sob algum tipo de capa externa. E parece que é só, ambas devem ser pobres viúvas, seja das guerras medievais, seja das guerras que promoveu o Rei-Sol, que enfrentam duras lides para viver. Tenho um palpite que a Vovozinha teceu as meias da netinha. E os sapatos, de todas elas, eram pesadões, botinas femininas, de couro de boi sem muita qualidade, longe daquela dos nobres, as mais caras com base na pele caprina. De primeira.

No livro de Perrault, ilustrado por Doré, há uma estilização. Nossa menina usa um chapéu, um vestido *chemise* com manguinhas curtas e um barrado na saia, simples e bem marcado, botas e no pescocinho um colar discretíssimo.

E o Lobo? Nem nome ele tem, quanto mais roupa! Mas curioso, ele veste-se com as roupas da avó com facilidade.

E os caçadores? Só aparecem na versão mais leve dos Irmãos Grimm, do século XVIII. É outra história, e quem quiser que conte outra.

[18]

Na de Perrault a ilustração do manuscrito do autor é sanguinolenta. O Lobo pedófilo, enquanto digere a vovozinha está deitado sobre Chapeuzinho, com uma pata de cada lado, em pose clássica e suspeita. Eis o trecho: "Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa, deitou-se na cama e ficou muito surpresa ao ver como sua avó era quando estava só com a roupa de baixo". E o lobo comeu também a menininha.

A ilustração de Gustave Doré, de 1862, e a História da Vovó, de 1885, oriunda de tradição oral modificada por Perrault, foram suavizadas e a pose libidinosa foi retirada.

Ainda assim, a pobrezinha não contou com o auxílio de fadas, não é uma princesa e não viverá feliz para sempre.

SAIBA MAIS

LOBATO, Monteiro. Perrault: contos de fadas. São Paulo: Brasiliense. 1958., p. 9.

MENDES, Mariza B. T. Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

O'HARA, Georgina. Enciclopédia da Moda. De 1840 à década de 80. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FILMOGRAFIA

Little Red Riding Hood. EUA, 1983. Direção de Graene Clifford. Com Mary Steenberg e Malcolm McDowell. O ator, um hábil vilão, coloca o Lobo como personagem principal.

Companhia dos Lobos. EUA, 1984. Direção de Neil Jordan. Com David Warner, Angela Lansbury, Stephen Rea. De arrepiar, como as primeiras histórias orais medievais.